

BILL CLEGG

Retrato de um viciado quando jovem

Tradução

Julia Romeu



Copyright © 2010 by Bill Clegg
Direitos mundiais reservados a Bill Clegg

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Portrait of an addict as a young man

Capa

Elisa v. Randow

Preparação

Ciça Caropreso

Revisão

Marina Nogueira

Márcia Moura

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Clegg, Bill

Retrato de um viciado quando jovem / Bill Clegg ; tradução
Julia Romeu. — São Paulo : Companhia das Letras, 2011.

Título original: Portrait of an addict as a young man

ISBN 978-85-359-1824-3

1. Clegg, Bill 2. Toxicômanos – Estados Unidos – Biografia
I. Título.

11-01152

CDD-362.29092

Índice para catálogo sistemático:

1. Estados Unidos : Toxicômanos : Biografia 362.29092

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

Para quem ainda estiver lá fora

*Pense na luz e no quão longe ela cai, para nós. Cair, dizemos nós,
citando uma forma fundamental de ir até o mundo — caindo.*

William Kittredge, Um buraco no céu

Sumário

Raspas, 11
Saúde, 18
Primeira porta, 25
Voo, 30
Fazendo a casa cair, 40
Teatro complicado, 44
Sob controle, 58
Manhã, 63
Onde, 77
Outra porta, 80
No norte de Manhattan, 88
Vento idiota, 99
Princípios do fim, 109
Reunião de família, 117
Fora de perigo, 120
Onde, 132
Amor, 134
Blecaute, 139

Abrigo, 145
Há um instante, 158
Onde, 163
O ano de Jesus, 165
Última porta, 182
Planícies Brancas, 200
O vale, 211

Agradecimentos, 215

Raspas

Não posso ir embora, e não há o bastante.

Mark está a toda na beirada do seu sofá preto de vinil, fazendo um discurso que ele considera genial. Ele parece um tradutor para deficientes auditivos movimentando-se com o triplo de velocidade — as mãos se agitando, braços e ombros se sacudindo todos. As pernas também se mexem, cruzam e se descruzam a intervalos regulares abaixo de seu corpo alto e esquelético. A mania de cruzar as pernas é a única coisa em Mark com alguma ordem. O resto é um turbilhão de espasmos e movimentos súbitos — ele é uma marionete controlada por um titereiro frenético. Seus olhos, assim como os meus, são duas bolas de gude negras e opacas.

Mark está tagarelando sobre um vendedor de crack de quem ele costumava comprar e que foi preso — dizendo como ele já sabia que aquilo ia acontecer, como ele sempre sabe —, mas eu não estou prestando atenção. Tudo que me interessa é que não tem mais nada no nosso saquinho. O minúsculo Ziploc transparente que

há pouco tempo estava repleto de pedras de crack está vazio agora. O sol começa a sair e os traficantes desligaram seus celulares.

Meus dois traficantes são Rico e Happy. Segundo Mark, todos os traficantes de crack se chamam Rico ou Happy. Rico não apareceu nas últimas vezes que eu liguei. Mark, que faz questão de saber a movimentação diária e a localização exata de uma meia dúzia de traficantes, afirma que Rico voltou a se viciar em Xanax e que isso está começando a deixá-lo mais lento. No ano passado, ele ficou três meses sem sair de seu apartamento em Washington Heights. Por enquanto estou ligando para Happy, que aparece sempre depois da meia-noite, quando meu limite de saque de mil dólares volta a zerar e eu posso tirar dinheiro de novo. Happy é o mais confiável dos dois, mas Rico muitas vezes faz entregas em horários que os outros traficantes não fazem. Ele vem no meio do dia, sempre muito atrasado, mas num momento em que os outros estão dormindo, fechados para o público. Chega reclamando e te entrega um saquinho magro, mas vem mesmo assim. Ligo para o telefone de Rico do celular de Mark, mas sua caixa postal está cheia e não aceita mais mensagens. Ligo para Happy e caio direto na caixa postal dele.

Happy e Rico vendem crack. Não vendem cocaína para cheirar, maconha, Ecstasy ou outra coisa. Eu só compro saquinhos de crack pronto. Algumas pessoas insistem em preparar seu próprio crack — uma operação complicada que requer cocaína, bicarbonato de sódio, água e fogão —, mas nas poucas vezes em que tentei fazer isso desperdicei a cocaína, queimei as mãos e acabei só conseguindo uma bolota grudenta que mal podia ser fumada.

“Passe o raspador”, Mark grunhe. Seu cachimbo — um pequeno tubo de vidro com Bombril enfiado numa das pontas — está reple-

to de resina e por isso, depois que ele raspa tudo e coloca o Bombril de novo, a gente sabe que vai poder fumar pelo menos mais algumas vezes. Mark ajeita as pernas como uma aranha, e por um instante parece que ele vai tombar para a frente. Ele aparenta ter mais de sessenta anos — rosto cinzento, rugas, ossos protuberantes —, mas garante que tem quarenta e poucos. Faz três anos que eu venho ao apartamento dele, com cada vez mais frequência, para me drogar.

Eu entrego a Mark a vareta de metal pontuda que até ontem à noite fazia parte da armação de náilon de um guarda-chuva. Raspadores são feitos de todo tipo de coisa — os mais comuns são de cabides de metal, aqueles sem pintura; mas as armações dos guarda-chuvas têm varetas longas, e às vezes concavidades meio cilíndricas, que são particularmente eficientes para raspar cachimbos e conseguir uma ou duas tragadas milagrosas quando o saquinho já está vazio, e antes de surgir a necessidade de procurar no sofá e no chão por aquilo que eu chamo de migalhas e que Mark chama de poeira e que todo viciado em crack sabe ser seu último recurso enquanto não consegue arrumar mais pedras.

Eu estico o braço para entregar o raspador a Mark e ele estremece. O cachimbo escorrega de suas mãos, cai em câmera lenta entre nós dois e se despedaça no chão de parquê arranhado.

Mark ofega mais do que fala. “Ai. Ai, não. Ai, Jesus, não.” Num segundo ele se põe de joelhos para examinar aqueles fragmentos. Mark pega diversos pedaços maiores de vidro, se aproxima da mesa de centro, dispõe os cacos em cima dela um por um e começa a raspá-los com a vareta do guarda-chuva. “Vamos ver. Vamos ver”, murmura consigo mesmo enquanto esfrega freneticamente cada pedaço. Mais uma vez suas juntas e membros parecem ani-

mados não pela vida, mas por cordas que o comandam — de forma furiosa, meticulosa —, obrigando-o a representar a pantomima de um febril garimpeiro procurando pepitas de ouro em sua peneira.

Mark não encontra ouro. Larga o raspador e os pedaços de vidro, e seus movimentos cessam. Ele se joga no sofá, onde eu praticamente posso ver os fios que o mantinham ereto largados em torno dele. O saquinho está vazio e são seis da manhã. Estamos aqui há seis dias e cinco noites, e todos os outros cachimbos já foram destruídos.

Os raios do sol matinal brilham por trás das persianas fechadas. Alguns minutos se passam e nada além do gemido baixo dos caminhões de lixo lá fora quebra o silêncio. Meu pescoço lateja e os músculos do ombro estão tensos e duros. O latejamento acompanha a cadência do meu coração, que esmurra meu peito como um punho furioso. Não consigo evitar que meu corpo oscile para a frente e para trás. Vejo Mark se levantar para varrer os vidros e noto como seu corpo oscila junto com o meu, como nosso balanço é sincronizado — duas algas sendo levadas pela mesma correnteza. Fico ao mesmo tempo horrorizado e confortado ao perceber como somos dois iguais na espiral de desolação que se forma quando o crack acaba.

O horror insidioso dessas últimas semanas — recaída; largar Noah, meu namorado, no Festival de Sundance há quase uma semana; mandar um e-mail para minha sócia, Kate, dizendo que ela podia fazer o que quisesse com a nossa empresa, porque eu não ia mais voltar; entrar e sair de um centro de reabilitação em New Canaan, em Connecticut; as diversas noites passadas no hotel 60 Thompson; e o mergulho no terreno árido que é o apartamento

de Mark, cercado dos vagabundos que se aproveitam das drogas que sempre sobram numa farra. O filme terrível da minha quase história passa diante dos meus olhos, assim como se revela muito claro, nítido como o dia que surge, o futuro de não ter mais um saquinho e de eu saber que não vou conseguir outro nas próximas horas.

Eu ainda não sei que vou conseguir suportar essas horas terríveis, nervosas, até o começo da noite, quando Happy vai ligar seu celular de novo e entregar mais. Ainda não sei que vou continuar fazendo o que estou fazendo — aqui e em outros lugares parecidos — por mais um mês. Que vou perder quase vinte quilos e que, com trinta e quatro anos, chegarei a pesar menos do que pesava na oitava série.

Também é cedo demais para ver a fechadura nova na porta do meu escritório. Kate vai trocá-la quando descobrir que eu apareci lá durante a noite. Isso vai acontecer algumas semanas mais para a frente. Ela vai ficar com medo que eu roube coisas para comprar crack, mas eu só entro no escritório para sentar diante da minha mesa mais algumas vezes. Para me despedir daquela parte de mim que, pelo menos aparentemente, havia tentado o seu melhor. Da enorme janela aberta atrás da minha escrivaninha, eu verei o Empire State, com sua imponência entediada e as luzes coloridas de sua torre. A cidade vai me parecer diferente, menos minha, mais distante. E a Broadway, dez andares abaixo, estará vazia, um cânion escuro de cinza e negro se estendendo para o norte, da rua 26 à Times Square.

Em uma dessas noites antes de as fechaduras serem trocadas, eu subo na janela e deixo os pés pendurados para fora. Me arrasto até a beirada e permaneço ali, envolto no ar gelado de fevereiro,

pelo que me parecem ser horas. Depois desço, sento à escrivaninha de novo e me drogo. Ali eu me lembro de como todo mundo ficou animado quando abrimos nossa empresa cinco anos antes. Kate, nossos funcionários, nossas famílias. Meus clientes — romancistas, poetas, ensaístas, escritores de contos — vieram comigo da velha agência literária, o lugar onde eu havia começado na carreira como assistente depois de me mudar para Nova York. Eles vieram comigo, e havia muita fé no que viria a seguir, muita fé em mim. Eu olho para todos os contratos, memorandos e provas de livros empilhados em minha mesa e me assombro com o fato de eu já ter tido algo a ver com aquelas coisas, com aquelas pessoas. De já ter sido um dia considerado confiável.

No sofá de Mark, observo minhas pernas tremerem e me pergunto se haveria um comprimido de Xanax no armário do banheiro dele. Acho que talvez seja melhor eu ir embora, me hospedar num hotel. Tenho comigo meu passaporte, as roupas que estou usando, um cartão de débito e o boné preto do Departamento de Parques e Jardins de Nova York que recentemente encontrei no banco de trás de um táxi, o que tem uma folha de bordo verde costurada na frente. Ainda tem dinheiro na minha conta. Quase quarenta mil. Eu me pergunto como consegui chegar até aqui; por que será que, por um milagre desnecessário, meu coração ainda não parou.

Mark está gritando da cozinha, mas eu não ouço o que ele diz.

Meu celular toca, mas ele está soterrado debaixo de uma pilha de cobertores e lençóis no outro cômodo, e eu também não ouço isso. Encontro-o mais tarde com a caixa postal cheia de recados apavorados dos meus amigos, dos meus parentes e de Noah. Ouço o começo de um e o apago, junto com todos os outros.

Não vou ouvir o barulho da nova fechadura na porta do apartamento onde eu e Noah moramos por oito anos — como o som mudou de um estalo alegre para um clique baixo que soa no momento em que a tranca abre quando ele vira a nova chave pela primeira vez. Não posso ouvir nada disso. Não posso sentir nenhuma dessas coisas que aconteceram ou estão prestes a acontecer à medida que o edifício da minha vida desmorona — fechadura por fechadura, cliente por cliente, centavo por centavo, confiança por confiança.

A única coisa que ouço enquanto Mark varre com raiva os vidros do chão, e a única coisa que sinto à medida que a cidade vai despertando devagar lá fora, são as exigências coléricas que há nas pontas dos fios que comandam a marionete. Durante toda aquela interminável manhã, durante as horas arrastadas da tarde, e depois, elas vão sendo gritadas mais alto, vão se tornando mais insistentes: puxe com mais força, sacuda sem piedade, arranque o cartão de débito da minha carteira, os dólares dos meus bolsos, os trocos do meu casaco, os vestígios de cor dos meus olhos, a alma do meu corpo.